

HISTORIA

LITTERATURA PORTUGUEZA

THEATRO CLASSICO NO SECULO XVI E XVII

HISTORIA  
DO  
THEATRO PORTUGUEZ

4 volumes

- SECULO XVI — *Vida de Gil Vicente e sua Eschola*  
(vm, 326 pag.) 1870.....1 volume.
- SECULO XVII — *A Comedia clássica e as Tragicome-  
dias* (viu, 364 pag.) 1870.....1 volume.
- SECULO XVIII — *A baixa Comedia portugueza* (no  
prélo). . . . . 1 volume.
- SECULO XIX — *Os Dramas romanticos* (no prélo) .....1 volume.

HISTORIA  
DO THEATRO  
PORTUGUEZ

POR

THEOPHILO BRAGA

A COMEDIA CLASSICA E AS TEAGICOMEDIAS

SECULOS XVI E XVII

PORTO

IMPENSA PORTUGUEZA\_\_EDITORA

1870

# INDEX

## HISTORIA DO THEATRO PORTUGUEZ

NO SECULO XVI (*Continuação*)

PAG.

ADVERTENCIA. . . . . VII

### LIVRO III

#### 0 Theatro Classico

|              |   |     |
|--------------|---|-----|
| CAPITULO I   | —Theatro na Universidade e Collegios. . . . .                             | 4   |
| CAPITULO ii  | —Jorge Ferreira de Vasconcellos.....                                      | 18  |
| CAPITULO III | —Dr. Francisco Sá de Miranda.....   | 53  |
| CAPITULO IV  | —Dr. Antonio Ferreira.....  | 73  |
| CAPITULO V   | —Influencia de Santo Officio no Theatro portuguez (1564, 1581, 1597)..... | 115 |

## L I V R O   I V

**Theatro no Seculo XVII**

|               | PAG.   |
|---------------|--|
| CAPITULO I    | O Pateo das Arcas (1613-1755) 136  |
| CAPITULO II   | As Tragicomedias nos Collegios<br>dos Jesuitas. . . . . 151                    |
| CAPITULO III  | O Index Expurgatorio de 1624. 185  |
| CAPITULO IV   | Eschola de Gil Vicente no se-<br>culo XVII.....211                             |
| CAPITULO V    | —Drama hieratico da Procissão<br>de Corpus Christi (1621). .. 242              |
| CAPITULO VI   | D. Francisco Manoel de Mello. 253  |
| CAPITULO vIr  | O Padre João Ayres de Moraes 274   |
| CAPITULO VIII | Comedias hespanholas de Capa<br>e Espada . . . . . 287                         |
| CAPITULO IX   | —Introducção da Opera em Por-<br>tugal (1570-1686). . . . . 330                |
|               | — <i>Repertorio geraldo Theatropor-<br/>tuguez no seculo XVII. . . . . 359</i> |

Este volume encerra a historia das causas da decadencia do elemento nacional do theatroportuguez; são ellas:

1.<sup>a</sup> A Comedia classica da Renascença, imitada pelos adeptos da eschola italiana, que substituíram o verso popular da redondilha pela linguagem em prosa.

A influencia do Santo Officio e dos Jesuitas, que invadiram o theatro;

2.<sup>a</sup> Banindo os Autos populares com os *índices Expurgatorios* ;

3.<sup>a</sup> E com as Tragicomedias escolares, exclusivamente em latim, combatendo a Comedia classica;

4.<sup>a</sup> A admissão das comedias hespanholas de Capa e Espada da egchola de Lope de Vega e Calderon;

5.<sup>a</sup> A degeneração da linguagem franca e ingenua dos Autos, pela expressão conceituosa e arrebicada dos Seiscentistas;

6.<sup>a</sup> A introdução da Opera em Portugal, cujo desenvolvimento se retardou até ao seculo xvII, pelo predomínio das Tragicomedias dos Jesuítas, prevalecendo mais tarde na côrte com exclusão absoluta da comedia nacional.

Da pequena manifestação dos Autos no seculo XVIII abafados por todas estas causas de degeneração ou de extinção, se vê, que o theatro popular, quando a nacionalidade estava a desaparecer sob a usurpação castelhana, contribuiu para a revolução da nossa independencia, fazendo com que se não esquecesse totalmente a lingua portugueza.

Pobre e constantemente combatido, em tudo se conhece que o theatro portuguez foi sempre a *fôrma vital* da nossa litteratura.

# HISTORIA

# DO THEATRO

## PORTUGUEZ

### LIVRO III

#### O THEATRO CLASSICO

A renascença do *theatro grega* e romano encetada no seculo-xv, foi um phenomeno moral analogo ao da creção da comedia nacional pelo genio livre da burguezia. O treatro classico tem sido julgado como uma renovação erudita; foi mais do que isso, foi uma reacção do espirito aristocratico coadjuvado pelos latinistas ecclesiasticos, que condemnavam a gargalhada franca do povo emancipado pela industria. Renasceu na Italia a comedia antiga, por circumstancias fataes e privativas do genio italiano; o genio *etrusco*, ou o dogmatismo auctoritario da religião, e o *lombardo* ou a independência pessoal, repugnavam-se, e em-



baraçaram sempre a formação da nacionalidade da Italia. Como auctoritario, o italiano não reconhecia a soberania sem tradição, a não ser como um legado transmittido por algum poder anterior: d'aqui procurou fazer renascer o antigo direito italico, em vez de crear uma legislação tirada das necessidades da sociedade moderna.

Por este motivo se deu na Italia a renascença do direito romano. Querendo uma soberania transmittida, acceitou sem opprobrio a tyrannia dos imperadores da Allemanha, e quando um impulso natural a fez repellir, entregou-se nos braços da theocracia papal. N'este estado o genio estrusco desenvolveu a superstição do passado, e aspirando á universalidade religiosa, imprimiu ao character italiano uma indole vagabunda e cosmopolita. O genio lombardo, pela sua parte, levou o instincto da independencia pessoal a sacrificar as instituições aos indivíduos;, d'aqui a infinidade de republicas, e de traições, em que essas novas sociedades eram sacrificadas á invasão estrangeira. Tal é a fórmula da historia politica, artística e litteraria da Italia.

No seculo xv, o italiano conheceu que não podia ter patria, e fez-se cidadão do universo, e á maneira de Campanella, que formou a *Cidade do Sol*, formou tambem uma cidade da Arte. Foi esta tendencia que deu origem á Renascença classica na Italia; as paixões politicas substituiram-se pelas paixões eruditas, a vida real foi substituída pela imitação do viver da Gre-

cia e de Roma, recomposto pelos manuscriptos do theatro classico.

Adoptámos no seculo xvi esta renascença culta da Italia, sem lhe comprehendemos a causa. Originada pelo instincto de uma emancipação moral, adoptamol-a como uma reacção contra as creações provocadas pela nova vida da sociedade burgueza. É por isso que era Portugal, os que guerrearam Gil Vicente como a imitação dos gregos e romanos, foram homens nobres, como Sá de Miranda ou Jorge Ferreira, jurisconsultos cesaristas, como o Doutor Antonio Ferreira, e os catholicos intolerantes, nos divertimentos escolares dos collegios dos Jesuítas.

Como na renascença do theatro na Italia o ideal grego fôra conhecido através das imitações romanas, em Portugal os antagonistas de Gil Vicente viram o ideal romano através das representações começadas na Italia.

Trabalho mesquinho, e prenuncio da nossa decadencia.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

